

VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo
IV Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
II Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo
Comida e alimentação na sociedade contemporânea
9,10 e 11 de novembro de 2016
Universidade Federal Fluminense em Niterói/RJ

Veganismo no Ciberespaço

Fabíola Ribeiro Duarte¹

Profa. Dra. Janine Helfst Leicht Collaço²

Resumo

Este artigo visa a refletir como o veganismo é concebido, organizado e passa a circular por algumas diferentes plataformas, levando em conta o engajamento político que esses atores promovem formando ações coletivas na rede (ciberativismo). Neste artigo, exploraremos a experiência de conversão para o veganismo e como se constroem os discursos em torno dessa passagem.

Palavras-chave: veganismo, ciberespaço, consumo

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Endereço eletrônico: <duarte.fabiola@yahoo.com.br>. Órgão financiador: CAPES. Orientadora: Janine Helfst Leicht Collaço.

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Endereço eletrônico: <janinecollaco@gmail.com>.

1 Introdução

O ciberespaço é um lugar de sociabilidades, diversos grupos com diversos padrões culturais se reúnem, para conhecer pessoas com a mesma “filosofia de vida”, formando comunidades imaginadas em torno de um ideal. Neste texto, iremos explorar a construção de um convívio, comunitário ou não, de pessoas que adotam a dieta vegana e partilham suas experiências no mundo digital em diversas redes sociais: *facebook*, *youtube* e sítios de internet que falam sobre o tema.

O mundo digital permite diversas utilizações, e muitos desses espaços criam comunidades que embora possamos dizer que são imaginadas, as experiências vivenciadas por meio desta são reais. Isto nos lembra Georg Simmel (1903) que já havia alertado, desde o início do século XX, sobre esta questão ao falar de individualidade e comunidade, embora estivesse se remetendo às grandes cidades que estavam sendo formadas por pessoas de diferentes origens, em busca de trabalho, principalmente nas fábricas. O autor notou que o individualismo e a individualização que se deu neste processo de viver nas grandes metrópoles, rodeados por pessoas, que por muitas vezes, não se aproximam de nenhuma forma com o estilo de vida que aprendemos a ter, diferentes práticas sociais e culturais convivem em um mesmo espaço acabaria gerando uma busca por iguais.

Em anos recentes, com o processo de globalização e os novos e modernos mecanismos de transportes e de comunicação, permite pensar um retorno às comunidades. Nesse sentido o ciberespaço é um terreno adequado para o surgimento de comunidades, levando em conta agora a ideia de multiterritorialidade que inclui a territorialidade imaginada, pois o encontro destas pessoas se diversificou nos últimos anos, transformando as comunidades digitais em espaços de sociabilidade entre membros desses grupos, que poderiam ser compreendidos nos espaços de circuitos jovens um pouco distintos do proposto no convívio face a face que ocorre no contexto urbano, pois hoje o acesso ao mundo digital permite ampliar a noção de espaço, transformando as relações sociais e os usos da cidade, uma vez que se pode ter acesso a eventos organizados pelos diferentes grupos de veganos, cursos de culinária, locais de vendas, restaurantes entre outros.

Essa possibilidade foi retomada através dos sistemas tecnológicos, que possibilitaram a alteração da percepção das territorialidades. No espaço virtual toda essa multiplicidade de grupos, não hegemônicos, com bandeiras de lutas diferentes ganham “voz”. O descentramento e a comumente não hierarquização destes espaços, deixam as pessoas mais à vontade para manifestar livremente suas opiniões. Neste contexto, encontramos os Veganos, um grupo considerado extremamente radical, que adotam uma alimentação vegana e estilo de vida “Cruelty-Free”.

O Veganismo assim como o vegetarianismo está crescendo. No Brasil, conforme uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) em 2012, estima que são 15,2 milhões de

adeptos ao vegetarianismo, ou seja, 8% da população, quanto aos veganos não temos dados exclusivos mas acreditamos que seja uma tendência similar. Suas práticas, valores e vivências estão amparados por uma moralidade ética que concerne também a escolha alimentar. Mas, suas escolhas ultrapassam a alimentação e começam a dar novos sentidos ao seu ser-no-mundo e a partir daí sua identidade é reformulada e passa-se a adotar relações sociais e culturais em torno desta filosofia.

A mídia tem confundido muito esse tema, colocando o veganismo como uma forma de alimentação sem ingredientes de origem animal (carnes leites, ovos, mel), como podemos ver no estilo alimentar vegetariano. Portanto, gastaremos algum tempo aqui para tentar elucidar algumas diferenças entre essas práticas culturais. O vegetariano é aquele que não come carne, é uma forma de alimentação que pode ser motivada por vários fatores, os mais comuns são: por religião (motivos espirituais), pela saúde (motivo saúde individual), pelo meio ambiente (motivo responsabilidade com os desastres ambientais e as alterações climáticas) e outros não comem carne pelos animais (motivos sentimentais, de identificação com o animal).

Há uma grande gama de classificações entre os vegetarianos: *ovolactovegetariano*, consome ovo e leite; *lactovegetariano*, consome leite; *ovovegetariano*, consome ovos; *vegetariano estrito*, não consome nenhum ingrediente de origem animal em sua alimentação, pode utilizar por vezes animais em vestimentas ou produtos que tenham sido testados; *frugívoro*, come apenas frutas; *crudívoro*, come frutas, verduras e sementes, tudo cru. O grupo não considera *semivegetariano* como uma categoria, embora seja extensamente utilizada esta categoria pela mídia. Os semivegetarianos seriam pessoas que são vegetarianas e comem peixe. Segundo o grupo, para ter a palavra vegetariano, deve-se pelo menos não comer carne de nenhuma espécie, mesmo que se mude as categorias entre comer ou não, leite e ovos, cru e cozido, sementes e frutos.³

Veganismo é uma filosofia de vida, que os adeptos categorizam como ética de vida, que engloba um agrupamento de pessoas que defende que o status de sujeito seja estendido para os animais não humanos. A opção alimentar vem no intuito de complementar essa filosofia, que não admite comer nenhum produto de origem animal, nem ovos, leite, mel. Mas também, nenhum produto que tenha algum ingrediente de origem animal em sua fórmula, ou que tenha sido testado em animais. Da perspectiva animalista os animais não humanos, assim como nós animais humanos, estão no mesmo patamar de igualdade. Para os adeptos da *Libertação Animal* deve-se levar em conta o princípio da *igual consideração de interesses*⁴, um princípio que significa que no que concernem aos direitos mínimos: a vida, a liberdade, a não sofrer dor, nem dano, os animais têm os mesmos interesses dos seres humanos e, assim, devem ser resguardados.

Para este agrupamento de pessoas, que se intitulam como *Abolicionistas Animais*, a defesa é que animais não humanos fazem parte da mesma esfera de consideração moral que os humanos, pois ambos são seres sencientes. Nesta acepção teríamos o lado biológico que aproxima os humanos e animais, e o lado da moralidade cristã que historicamente distanciou os animais e os humanos, com a justificativa que o deus fez

³ Consultar também NUNES, Ernesto (2010).

⁴ Termo cunhado pelo filósofo Peter Singer (1975) em sua obra *Animal Liberation*.

os animais para servirem os homens, como demonstra Keith Thomas (1988) que a argumentação da dominação do homem à natureza é construída na Inglaterra. Thomas (id.) destaca o quanto a filosofia cristã ocidental influenciou na justificativa moral para que o homem tratasse a natureza da forma que lhe aprouver, segundo as interpretações bíblicas ao homem é incumbido à responsabilidade de dominar a natureza, como um mandamento de deus.

Este agrupamento de pessoas pode ser considerado como um movimento social, segundo Maria da Glória Gohn:

Movimentos sociais são ações coletivas de caráter político, construída por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo. (GOHN, 2000, p. 13)

O veganismo é um movimento de caráter político ecológico que atende todos os requisitos para ser chamado de movimento social. Embora seja acusado de ser um movimento elitista podemos perceber que há pessoas de distintas classes sociais, o que torna critério de distinção deste movimento é o tipo de consumo, pessoas de renda baixa geralmente utilizam ingredientes culinários mais baratos e acessíveis: verduras, frutas e cereais; já a classe média alta utiliza os produtos industrializados gourmets, que incluem toda a gama de variedades do consumo onívoro: carne, linguiça, salsicha, queijos, leites, sendo a versão vegetal, produtos em geral muito caros e de difícil acesso, por só encontrar em lojas especializadas, além das versões sem glúten, light, diet e orgânicas.

E a força do ativismo que tem sido executada, tanto *online* como *off-line*, foi condição *sine qua non* para que o as demandas ganhem força no campo de disputa da sociedade. *Off-line* é representado extensamente no nível acadêmico por advogados, professores, filósofos, antropólogos, biólogos, médicos, nutricionistas e etc.. Passaram a lutar por demandas de políticas públicas e por uma legislação que seja favorável ao fim do uso de animais, inclusive conseguindo votos para alguns vereadores e deputados em alguns estados. A contribuir com o debate pela redução do uso de animais em pesquisa, até a substituição de todos eles por modelos alternativos. Pela redução do uso de carnes em escolas públicas, sendo que alguns estados já adotam a “segunda sem carne⁵”. Programas solidários de distribuição de comida vegana para pessoas em situação de rua. Movimentos para a criação e popularização de obras de artistas veganos, na música, na pintura, fotografia, literatura e outros.

Online eles utilizam o espaço para difundir a ideologia e tecem uma rede de solidariedade para ajudar as pessoas que se interessam pelo veganismo e ajudam a fazer a transição, oferecendo ajuda em tudo,

⁵ Campanha iniciada pela Sociedade Vegetaria Brasileira (SVB) para incentivar pelo menos um dia na semana, sem carne. Disponível em < <http://www.segundasemcarne.com.br/>>. Acesso: 30.09.2016.

mostrando as listas de empresas que não testam em animais, as comunidades no Facebook que podem auxiliar com informações e os sites sobre notícias da causa animal e canais no youtube, com receitas e vídeos sobre a filosofia de vida. Chamamos esses atores que atuam na rede de *ciberativistas*.

2 Informação como transformadora da consciência

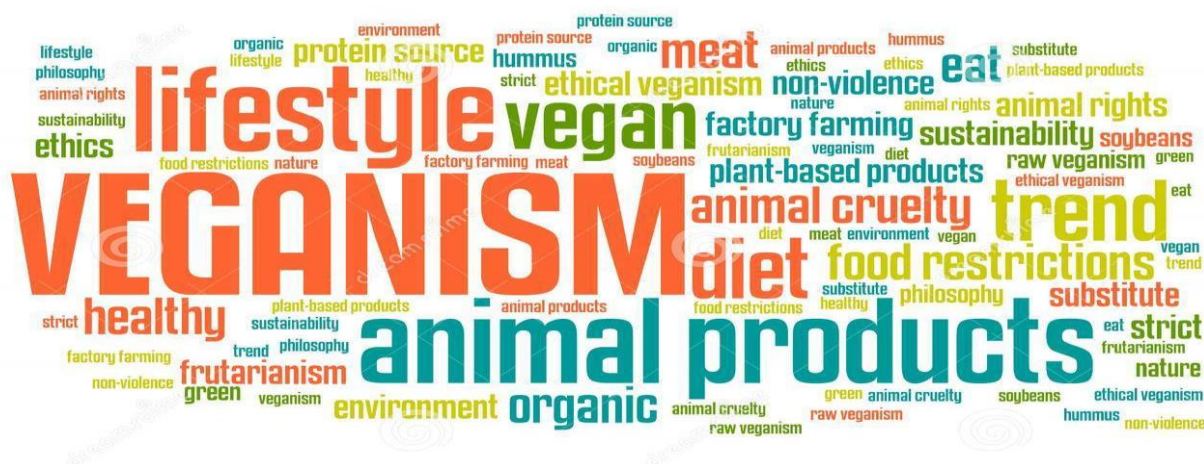


Imagem 1: Fonte: Dreamstime.com

O veganismo cresceu nos últimos anos, notório fato se dá pela disponibilidade de produtos destinados ao consumo deste grupo. Segundo relatório divulgado pela Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), o mercado de produtos veganos cresceu sessenta por cento no último ano. Interessante notar em um período de crise, na qual estamos passando e quase todos os setores da economia estão em queda, o mercado vegano mesmo assim continua crescendo, e de forma bem expressiva. Ao acompanhar o veganismo no ciberespaço, um mundo à parte, utópico, uma *Pasárgada*. Alimentação, vestimenta, calçados, cosméticos, suplementos vitamínicos e até informação, tudo vegano.

Com a flexibilização das fronteiras da informação, as pessoas estão tendo mais acesso, a uma série de informações que não estavam disponíveis facilmente décadas anteriores. Palestras, vídeos, documentários, textos, imagens, matérias de jornais, revistas, televisão, mídia: os agentes provocadores desta mudança são variados, porém, tem uma grande contribuição na disponibilização virtual de todos esse arcabouço de materiais informativos.

Ser vegano e fazer parte de grupo ideológico que se divide pela teoria que é sua filosofia animalista e a parte prática que é seu ativismo. O ativismo trava uma luta no campo de disputa da consciência moral, trazendo a discussão a respeito dos hábitos alimentares e de consumo, que diz muito do sistema capitalista, que pelo fetichismo e produção de larga escala, usam e matam pessoas e animais, destrói a natureza. Os

animalistas/abolicionistas animais buscam uma integralização da natureza e da cultura, que por muitos séculos e ainda hoje são vistas como antagônicas. Mesmo na antropologia, assim como analisado por Caetano Sordi (2011) os animais são vistos por seu caráter utilitarista ou simbólico, nunca como sujeitos. Isso tem mudado recentemente, a antropologia com viés ecológico preocupa-se com a restituição aos animais de seus papéis de agentes nas sociedades e culturas humanas, frisando a mútua dependência entre a espécie humana e outras espécies. Jean Segata (2012) analisa que esta “*virada animalista na antropologia, não vê o animal como aquilo que provoca reação ao social, mas como aquilo que também o compõe*”. (SEGATA, 2012, p.60).

Em todas as entrevistas realizadas o principal motivo apontado para o que levou a pessoa ao veganismo é o animal, “porque não é justo fazer isso com eles”, “porque não é ético utilizar animais”, sempre é apontado a ética animalista como norteadora da decisão. Mas, ao investigar sobre o ciberativismo percebemos que eles divulgam muito mais a cozinha vegana, suas receitas, fotos de comida e vídeos que mostram como preparar as comidas. Houve um estranhamento pelo fato de não ser a filosofia e sim as práticas a principal fonte de divulgação do veganismo, o qual foi solucionado ao assistir um episódio do Entrevista-se, programa de entrevistas idealizado por Fabio Chaves no qual também é o apresentador e criador do site Vista-se (falaremos do site mais adiante), o programa está disponível no Youtube e cada semana traz um assunto sobre veganismo para debate, no episódio um da primeira temporada o apresentador diz que o ativismo online é uma forma de popularizar o movimento, a divulgação de receitas é o principal modo de incentivar outras pessoas a decidirem pelo veganismo e o grande aparato de receitas é para todo mundo saber que é possível, que tem muita coisa para comer. Respondendo a popular piadinha “*Vegano como o que?*”. Ele diz que as pessoas devem ser “fisgadas pelo estômago”, e tem que conhecer que há um grande arsenal de receitas e produtos livre de crueldade, saudáveis, atraente aos olhos e um sabor convidativo. E satiriza, dizendo que deve estar dando certo essa forma de divulgação, pois todo mundo fala mal, mas todo mundo quer que a palavra “vegetariano” faça parte da sua forma alimentar, assim como vegetariano e vegano, criaram o termo *flexitariano* que a junção do termo “vegetariano” e “flexível”, que significa uma pessoa que é vegetariana, mas ocasionalmente come carne.

A gente faz tanto ativismo, justamente para popularizar a filosofia e a parte dietética do vegetarianismo. Para mostrar que é possível, que tem muitas opções. (Fabio Chaves – Entrevista-se temp.1, ep.1, 31/05/2016)

Esse ativismo também se materializa em repassar informações, segundo o grupo a informação é a responsável pela transformação da consciência. Em geral, os veganos tiveram um momento que marcou a vida deles, e a partir daí decidiram “não colaborar mais com o sistema que explora e mata animais e a natureza”. E no ciberespaço é notória essa divulgação de informações, para que, atinja o maior número de pessoas possíveis. Eles entendem que a decisão é pessoal, por isso, utilizam todas as formas possíveis para

divulgar o maior número de informações a respeito de os pontos que o veganismo possa ser “pregado”, utilizam uma variação simbólica que possa atingir as pessoas diferentes que tem preocupações diferentes relacionadas ao seu ser-no-mundo, podemos identificar os principais apelos no discurso, os que se referem à compaixão/respeito com os animais, a responsabilidade social e ambiental com a natureza, alguns recorrem a uma linguagem religiosa e outros ainda uma mensagem de saúde individual.

No Facebook, os veganos dispõem de dezenas de páginas de orientações de consumo que funcionam como SAC (Sistema de Atendimento ao Consumidor), produtos de alimentação, vestuário, calçados, vitaminas e cosméticos, essas páginas servem como guia para juntar as informações colhidas a respeito das empresas. A exemplo do site People for the Ethical Treatment of Animals (PETA), no Brasil temos o Projeto Esperança Animal (PEA) que disponibiliza uma lista das empresas que testam e as que não testam em animais, porém para os veganos essas informações não são suficientes, pois além de não testar em animais, não pode conter nenhum ingrediente de origem animal na formulação do produto, assim como não patrocinar a exploração animal. Exemplificando, uma empresa que tem um frigorífico e resolve fazer um produto vegano (uma empresa de salsicha resolve lançar uma salsicha vegana), eles irão boicotar, pois a empresa promove sofrimento animal, não basta lançar um produto que tecnicamente não tem ingredientes de origem animal. No Brasil temos um caso emblemático que é das empresas de cerveja, todas em teoria não possuem ingredientes de origem animal, mas todas as empresas brasileiras de cerveja financiam rodeios, portanto, todas estão na lista negra. Esses grupos no Facebook servem como uma rede de solidariedade para reunir essas informações, pois é bem trabalhoso, então cada membro escreve e pesquisa sobre alguma empresa e eles reúnem todas as informações nas comunidades, para ao final, chegar a conclusão se é ou não cruelty free.

Os principais sites utilizados como fonte de notícias relacionadas a animais, são: Agência de Notícias de Diretos Animais (ANDA⁶) e o Vista-se⁷. Ao visitar o site da ANDA podemos perceber um compendio de informações relacionado a animais, notícias que saíram em todo mundo relacionada a animais, são traduzidas e disponibilizadas no site, além de artigos de colaboradores do site, que incluem artigos acadêmicos e artigos jornalísticos de opinião. Um glossário informando o que significada cada termo usado pelo grupo abolicionista. Uma lista de sites e blogs para consulta de informações sobre direito dos animais e veganismo. Uma parte do site é colaborativa destinada ao visitante poder enviar sua matéria para o site para que possa ser publicada. Não tem nenhum artigo para venda, e somente uma parte que os colaboradores possam doar alguma quantia em dinheiro para manutenção do site.

O Vista-se tem uma configuração diferente, nele encontramos informações mais pautadas no vegetarianismo/veganismo, notícias de eventos veg's no Brasil, venda de produtos na loja, propagandas de marcas veganas, e ainda uma serie de listas de nutricionistas veganos, de documentários, de receitas, de

⁶ Site oficial <<http://www.anda.jor.br/>>. Acesso em: 18.09.2016

⁷ Site oficial <www.vista-se.com.br>. Acesso em: 20.09.2016

candidatos que apoiam a causa. Diferentemente da ANDA, este site é mais pautado no veganismo e não em notícias relacionadas a animais domésticos.

Os ciberativistas utilizam o meio digital de forma a facilitar o processo de conversão ao veganismo. Um dos pontos mais altos e de divulgação de receitas canais no *Youtube* como Vegetarirango e Pecado Vegano, criaram um programa como todo aparato, criaram um personagem, vestem caracterizados, misturam comida vegana, humor e informação.

Segundo uma pesquisa feita pelo site Vista-se, as hashtags (#) do Instagram estão mostrando o crescimento do veganismo⁸.

#Vegan – 28,5 milhões de compartilhamentos; #Vegetarian – 9,3 milhões de compartilhamentos; #paleo (produtos de origem animal) – 7,8 milhões; #meat (carne) – 3,4 milhões de compartilhamentos; #bacon – 6,6 milhões; #steak (bife) 5,4 milhões; #McDonalds - 4, 7 milhões; #berbecue (churrasco) – 1, 2 milhões; #bbq (churrasco abreviado) - 11, 7 milhões de compartilhamentos.

Esses dados foram retirados da plataforma Instagram com os respectivos nomes em língua inglesa, no Brasil é difícil recolher dados semelhantes, pois a palavra vegano é utilizado em português e espanhol. Mas, podemos inferir uma tendência, que concerne ao maior número de compartilhamento de fotografias na rede, mostrando uma preocupação maior com os animais, as pessoas que estão engajadas na causa, que praticam o ciberativismo, fazem questão de compartilhar as refeições que faz, para mostrar a variedade de alimentos veganos disponíveis, respondendo a tradicional piadinha “vegano só como alface”. Pizzas, lasanhas, feijoadas, sojasco (churrasco de soja) ou como alguns preferem chamar verdurasco (que se diz do churrasco de vegetais), tortas salgadas e doces, e as diversas carnes vegetais (hambúrgueres, frango, salsicha, linguiça, presunto) e queijos e leites vegetais.

3 A experiência de conversão ao Veganismo

Fabio Chaves narra como o vegetarianismo entrou em sua vida:

Em meados de 2005, comecei a pesquisar sobre abate de animais (não havia para mim ainda o termo “vegetariano”) e encontrei muitas informações no saudoso Orkut e em vídeos do recém inaugurado Youtube. Comecei a estudar bastante sobre o tema porque algo me incomodava ao ver sangue e partes de animais no meu prato, apesar de considerar, até então, uma coisa necessária. Sou orgulhosamente filho de nordestinos e já comi coisas que provavelmente a maioria de vocês nem chegaria perto. Fui criado em sítio no interior de São Paulo e via animais sendo mortos para ir para a panela com frequência. Porém, apenas com 23 anos eu fui atrás de mais informações. Depois de pensar no assunto e procurar sobre abate de animais por 1 ou 2 meses, eu comecei a reduzir a carne das minhas refeições. Quando me dei conta, eu já era

⁸ Disponível em < <https://vista-se.com.br/as-hashtags-do-instagram-estao-mostrando-qual-a-forca-do-crescimento-do-veganismo-no-mundo/>>. Acesso: 22.09.2016.

ovolactovegetariano (não consumia nenhum tipo de carne, mas consumia laticínios e ovos). (Fonte: site Vista-se. Acesso: 18.09.2016⁹)

Em sua narrativa, Fabio, menciona que o incomodo que tinha ao ver “sangue e partes de animais no prato”, mas não menciona como este incômodo veio à tona, pois em nossa cultura fomos criados consumindo animais, e no geral, a pessoa adulta passa a questionar seus costumes quando há um outro fator envolvido, que pode ser uma imagem, um texto ou uma fala, uma identificação qualquer que o faça pensar por outra ótica. Talvez, ele nem se recorde mais, porque foi há mais de dez anos. Ele prossegue, mostrando como o veganismo veio como consequência, depois que virou ovolactovegetariano ele criou o site Vista-se, que segundo ele era apaixonado por camisetas e o site era para juntar tudo que ele gostava *design+vegetarianismo+camisetas*, a ideia inicial foi vender camisetas com temas vegetarianos, mas com o tempo começou a postar algumas informações sobre eventos, grupos de estudos e notícias sobre a causa veg, então percebeu um aumento considerável de visitas diárias ao site até que decidiu fazer do site um blog pessoal, tudo que descobria sobre vegetarianismo postava no site.

Por pesquisar muito mais sobre o tema do que no primeiro ano, para encontrar conteúdo relevante para o blog, comecei a me dar conta de uma coisa: eu não estava tão certo quanto eu achava que estava até então. Tentei ignorar algumas vezes, mas a relação entre crueldade e o consumo de laticínios e ovos não me deixavam dormir direito. Eu já me considerava vegetariano, já me sentia bem por não colaborar com a morte dos animais. Mas ainda faltava um passo. E este foi o mais difícil e o mais firme de todos. Muitas coisas na minha vida acontecem muito rápido e com esse assunto não foi diferente. Em 2007, eu decidi me tornar vegano. Seria impossível manter a postura de “libertador dos animais” se eu não aplicasse isso no meu dia a dia. Tudo que eu pesquisava dizia que o leite e os ovos são desnecessários e cruéis. Até hoje, não achei absolutamente nem um argumento que justifique as atrocidades dessa indústria e é por isso que eu continuo vegano. (Fonte: site Vista-se. Acesso em 18.09.2016)

Ao narrar que quanto mais pesquisava sobre libertação animal mais se sentia incomodado com o fato de consumir leite e ovos, passou a não ser ético para ele consumir nenhum um tipo de ingrediente que provenha de um animal. Fabio diz que informação sobre as atrocidades para os animais na indústria fez com ele mudasse de dieta.

Matheus Azevedo narra como uma questão de gosto, de não gostar de carne vermelha, abriu uma porta para conhecer e se adaptar a dieta vegana:

Eu resolvi parar de comer carne inicialmente por um motivo muito incomum. Eu não estava gostando mais do sabor da carne vermelha. Nessa época um amigo meu por acaso me desafiou para uma aposta de quem ficaria mais tempo sem comer qualquer tipo de carne. Eu fiquei uma semana sem comer carne, ganhei a aposta. Voltei a comer carne, passou um mês eu notei que estava melhor (se sentindo mais saudável) durante esse período que eu não comi carne. Algum tempo depois, uma amiga minha indicou para eu ver *Cowspiracy*¹⁰, uma palestra sobre o veganismo. Assisti, e depois disso me atentei para a causa animal em si. E pensei que não queria ser apenas vegetariano, queria ser vegano. E fui aos poucos tirando os ingredientes de origem animal e produtos testados em animais da minha vida. (Entrevista via Facebook, no dia 23.09.2016)

Matheus fala sobre o fato de obter informação sobre as atrocidades cometidas contra os animais na indústria, por meio de um documentário. O ambiente urbano propicia um maior estranhamento por parte desses grupos

⁹ Disponível em < <https://vista-se.com.br/o-dia-em-que-o-vista-se-ganhou-seu-primeiro-funcionario/>>. Acessado em 16.09.2016.

¹⁰ Documentário ambiental que aborda o impacto ambiental da pecuária industrial em larga escala. Site oficial <<http://www.cowspiracy.com/>>. Acesso em: 23.09.16

de defesa de animais, por possuir singularidades específicas da sociedade moderna industrial, onde animais são confinados e amontoados em granjas e frigoríficos para, no fim, serem levados para a morte. Esse fim muitas vezes é questão de dias, como os frangos em granjas industriais, que demoram quarenta dias para serem levados ao abate. Salvo em raros momentos que dedicamos para visitar fazendas, ou em roteiros de viagens, não temos um contato grande com animais, salvo o convívio doméstico, em geral cães e gatos. Ingold (1995) analisa algumas exceções que fazemos quando mantemos relações e duradouras com os animais domésticos: *“Certamente, quando se trata dos poucos animais com os quais mantemos relações estreitas e duradouras, tais como gatos e cães domésticos, logo descobrimos exceções, e lhes atribuímos intenções e propósitos, da mesma maneira que fazemos com os seres humanos”*. (INGOLD, 1995, p. 9). Os outros animais que utilizamos para nossa alimentação é mais fácil manter um distanciamento entre nós e eles do que desenvolver algum tipo de simpatia, pois, do boi, utilizamos até os cílios. A produção de carne, geralmente, se dá em locais afastados dos grandes centros urbanos. É como um tabu: não podemos entrar, não podemos saber o que acontece ali dentro. No máximo cruzamos nossos olhares com o boi que está sendo levado ao abatedouro naqueles grandes caminhões quando estamos no trânsito. É comum ouvir diálogos entre vegetarianos e onívoros, em que o onívoro diz *“se eu tivesse que matar eu não comeria, mas já está morto”*. Sobre essa relação com os animais, principalmente no que concerne à alimentação, em geral, as pessoas preferem não falar.

Hélio Vegano¹¹, mostra como seu amor por animais domésticos o levou para o veganismo, através de seu trabalho de passear com cachorros (Pet Sitter) e por gostar muito de animais, o veganismo começou a fazer parte da sua vida:

O que me fez refletir e se conscientizar de fato sobre a questão da exploração e da crueldade animal foi o fato de que sou Pet Sitter. Sempre gostei muito de animais, mas não havia ainda feito a associação, dos animais que amamos e cuidamos com os animais que exploramos e somos cruéis para com eles. Depois que comecei a trabalhar como pet sitter isso ficou evidente, então passei a me questionar e então comecei a pesquisar sobre o assunto, sobre ser vegetariano / vegano, pesquisar sobre a exploração e crueldade animal, e então não tive mais como ficar indiferente com relação a toda essa questão, decidi não mais ser conivente com as indústrias das carnes, leite e derivados, ovos. etc. que exploram e são extremamente cruéis com os animais. Me tornei vegetariano a princípio e logo após vegano, isso em setembro de 2015, sou vegano a pouco mais de um ano, sou muito feliz por ter escolhido esse caminho. (Entrevista via Facebook no dia 01.10.2016)

Hélio destaca a identificação com os animais domésticos fez com ele passasse a questionar o uso de outros animais, mas não fala do momento específico que se sentiu tocado pela causa. Com outros animais, fora do convívio direto, Jean Segata (2012) destaca que optamos por uma homogeneização dos animais não humanos:

o difícil é responder o porquê de não percebermos gatos ou cachorros, ou quaisquer outros animais, especialmente aqueles mais distantes do convívio humano, como singulares entre si. Atribuímos a eles uma homogeneidade própria de uma programação biológica essencial - da espécie, cujas pequenas diferenças

¹¹ Os nomes contidos na entrevista, são os mesmos que se encontra em seu perfil no Facebook, que diz da forma que eles se identificam enquanto ser-no-mundo para outras pessoas.

resultam, dentro de uma gama possível de variabilidade, de também pequenas possibilidades de arranjos e rearranjos genéticos - que chamamos de raça. Em outras palavras, os animais não-humanos, são, para nós, naturalmente biológicos, enquanto que os animais humanos são biológicos e algo a mais. (SEGATA, 2012, p. 157)

Essa homogeneização dos animais não humanos, segundo os abolicionistas, faz com que a raça humana se sintam mais confortável em atribuir singularidade apenas a si própria. Quando esse limiar é quebrado, como acontece com veganos, eles passam a relativizar o conceito de raça humana e incorporar o que a biologia descobriu a séculos, somos todos animais. A civilização ocidental faz o maior esforço para distinguir os conceitos do que é próprio do humano e o que próprio do animal. Ingold (1995) nos faz refletir acerca da contradição do pensamento ocidental:

Cada geração reconstrói sua concepção própria de animalidade como uma deficiência de tudo o que apenas nós, os humanos, supostamente temos, inclusive a linguagem, a razão, o intelecto e a consciência moral. E a cada geração somos lembrados, como se fosse uma grande descoberta, de que os seres humanos também são animais e que a comparação com os outros animais nos proporciona uma compreensão melhor de nós mesmos. (INGOLD, 1995, p.1)

Nélio Vegano, foi criado em uma cidade do interior e sempre teve relações estreitas com as questões da natureza, todavia houve um momento que ele não aceitou mais a perspectiva do animal que lhe foi ensinada culturalmente e passou a questionar e buscar informações para embasar suas práticas.

Como sujeito do interior, tive contato com animais de rebanho com certa normalidade. Eu fui ensinado a acreditar em diversas mentiras sobre o gado. Me disseram que as vacas davam leite todos os dias, não importando se estavam prenhes ou se tivessem bezerras, e que elas produziam muito mais leite do que era necessário para suas crias, além de que raramente nasciam machos, e que estes últimos sempre eram mantidos nos pastos para reproduzirem. Quando descobri a realidade, não pude concordar com aquilo. Não pude financiar tamanha crueldade. Ovos de granja já procurava evitar há meses, mas quando vi vídeos de grupos de ativistas pelo Facebook, também não aguentei. Durante 5 meses consumia apenas ovos de galinha caipira, leite de indústria cortei totalmente. Consumia apenas iogurte que vinha de uma fábrica caseira de vacas de rebanho doméstico. Então percebi que de uma forma ou de outra, eu estava errado. O ovo poderia estar fecundado e eu poderia tirar a oportunidade e o direito de um animal de nascer. Pesquisando mais sobre o leite, percebi que nem os rebanhos domésticos são bem tratados, e a morte deles continua vindo de modo muito prematuro e cruel. Eis que o veganismo se tornou muito fácil de se tornar a forma certa de se pensar para mim. Descobri que vários produtos industrializados que usava, eram testados em animais e/ou que usavam restos dos mesmos, me fez ser cada vez mais vegano. A medida que o tempo passa, mais orgulho sinto pelas minhas escolhas, e mais agradeço aqueles que me abriram os olhos para o veganismo. (Entrevista via Facebook, dia 30.09.2016)

Nélio não explica o que fez ele questionar sobre o consumo dos animais, ele estava acostumado a conviver com os usos dos animais na fazenda, mesmo sendo “bem tratados” como é em algumas fazendas para uso domésticos, criados soltos, diferente da escala industrial. Em pequenas fazendas, geralmente mais afastadas do ambiente urbano, que uma família tem uma pequena propriedade e cria bois, vacas e galinhas em pequena quantidade, tem rituais para comer (ocasiões sociais), mas os animais são tratados com respeito em

vida, onde os produtores chamam a cada um pelo nome, e há uma relação de familiaridade e de troca entre homens-animais. Mesmo sem dizer o fato que fez ele mudar de ideia, ele diz que após pesquisar sobre o assunto não achou mais ético utilizar produtos advindos de um animal de forma alguma. É interessante o fato dele mencionar que fez com ele “fosse mais vegano ainda”, não escutei isso em nenhuma outra entrevista, pois por ser uma filosofia de vida, geralmente as categorias são: vegano e não vegano. Agora adicionou a categoria: vegano, não vegano, e mais vegano ainda.

Goiano Mercador, relaciona sua experiência a questões inicialmente de saúde e posteriormente de dever com os animais.

Eu sempre tive problemas com digestão (ainda tenho). Acredito que seja pelo stress, ansiedade, nervosismo... então decidir diminuir carnes. Tipo eliminando alguns dias da semana. Eu também tinha um colega de trabalho que era vegano mas eu nunca tive interesse. Não dava a mínima e falar verdade ele não conversava sobre. Um belo dia eu estava numa churrascaria e foi quando aconteceu algo que mudou minha maneira de perceber a relação com todos os outros. Foi quando eu enxerguei o que realmente nós fazíamos para todos eles! Começou a passar no jornal do meio-dia da Globo uma matéria sobre a febre aftosa aonde a imagem descrevia todo horror contra eles. Valas enormes abertas pelos tratores e aquele gado morto empilhado sendo derrubado. Pronto. Despertei. Percebi ali, que éramos uns monstros, um tipo de demônio para todos os outros animais e sabia que não tínhamos o direito de fazer aquilo. Decidi parar, ali, com tudo que fosse de ruim para os animais. Parei com todos os tipos de carnes. Não sabia da implicação dos derivados. Só mais tarde, uns 10 anos, tive oportunidade saber de tudo através de publicações de veganos pelo *facebook*. Nesse momento, decidi me tornar vegano. Enfim, se eu tivesse toda informação naquele instante que eu percebi na imagem, teria me tornado vegano no mesmo instante. Só fiquei no consumo dos derivados pela falta de informação mesmo. Pena. Por essa e outras que temos que passar informação completa e honesta sobre tudo que acontece com todos eles. Como cada pessoa vai reagir é total responsabilidade dela. (Entrevista via Facebook, dia 28.09.2016)

Goiano retrata sua experiência de mudança pautado no horror pelas milhões de mortes por contaminação através da febre aftosa. Lévi-Strauss (2009) escreve nesse sentido quando outro caso emblemático como o que ficou conhecido como Vaca Louca:

É notável que, nas sociedades ocidentais, o consumo de carne tenda espontaneamente a diminuir, como se essas sociedades começassem a mudar de regime alimentar. Nesse caso, a epidemia da vaca louca, ao desviar os consumidores de carne, estaria acelerando uma evolução em curso. Ela apenas lhe acrescentaria um componente místico feito do sentimento difuso de que a nossa espécie paga por ter infringido a ordem natural. (LÉVI-STRAUSS, 2009, p. 215)

A ordem natural a qual o autor se refere é de dar alimentação de origem animal para seres herbívoros. Por questões de medo de contaminação o consumo tem diminuído também, segundo reportagens recentes o consumo de carne vermelha diminui muito em dez anos no Brasil, passou de 40 kg/ano por pessoa, para 32 kg/ano por pessoa¹². Logicamente, os dados pressupõem que todos consomem carne e, portanto, as pessoas estão comendo menos carne, mas não levam em conta o número alto de pessoas que deixaram de consumir carne, tanto pelo medo da contaminação, quanto por uma nova relação ética com os animais.

¹² Notícia publicada dia 26/07/2016, disponível em: < http://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/boi/176891-consumo-de-carne-bovina-cai-no-brasil-e-fecha-frigorificos.html#.V_VA2vkrJ1s >. Acesso: 02.10.2016.

Fabio, Matheus, Hélio, Nélio e Goiano, narram suas histórias, mostrando os motivos e questionamentos diferentes que os fizeram mudar de trajetória e assumir uma postura diferente em relação aos animais. Mas, todas foram identificadas a partir da informação. A informação recebida (por diversos meios) foi peça chave para entrada na luta de defesa dos animais. O discurso que norteia as discussões é a capacidade do animal de sentir, e além se sentir, ter consciência. Em 2012, neurocientistas cognitivos, neurofarmacologistas, neurofisiologistas e neurocientistas computacionais reuniram-se na Universidade de Cambridge para assinar um documento que ficou conhecido como *Declaração de Cambridge sobre Consciência*¹³. Neste documento afirmam que há consciência nos animais não humanos incluindo mamíferos, aves e muitas outras criaturas incluindo os polvos. Esses cientistas assinaram essa declaração de forma figurativa, para que deixe claro suas descobertas e abra espaço para discussão dentro da sociedade para o que fazer com esta informação. E logicamente, os veganos se apropriaram dos resultados da pesquisa, para “provar” definitivamente que a perspectiva animalista que eles criaram está correta e que os animais não humanos são como nós.

No ambiente digital, os ativistas são livres para manifestarem suas opiniões e divulgar sua forma de vida. Há diversos grupos de veganos e vegetarianos, alguns reúnem pessoas de todo Brasil, mas há também os grupos por cidades, principalmente as capitais. Embora, esses integrantes se reúnam em suas respectivas cidades, de tempos em tempos, no ciberespaço eles constroem um laço mais forte, se comunicam muitas vezes por semana ou por dia. E há os grupos no WhatsApp, em que eles conversam o tempo todo, estão em interação constante. Essas ações causam um fortalecimento da identidade desses personagens, conseqüentemente um fortalecimento da comunidade vegana.

4 Conclusão

O ciberespaço é um lugar autêntico para formação de comunidades, e os veganos se apropriaram dele, formando uma rede de ciberativistas, que através dos personagens, práticas e representações divulgam sua filosofia livre de crueldade, além de perpetuar a busca por iguais a qual Simmel (1903) se referia. Esta quebra de barreiras físicas permite maior circulação de informações e possibilidade de encontrar um grupo que reflita anseios e interesses relativos à decisão de não consumir carne.

Os veganos tomam para si o papel de “vozes dos animais”, e essa voz deseja alcançar a todos os humanos, para que sejam alterados os comportamentos que estão fixados na tradição de comer animais e/ou para outros fins. Para tanto, é preciso abrir a mente e o “coração” para esse anseio por uma nova ordem

¹³ A Declaração original <<http://fcmconference.org/img/CambridgeDeclarationOnConsciousness.pdf>> Acesso em: 01 de maio de 2015.

civilizacional para qual este grupo está chamando a atenção, que pode ou não acontecer. Contudo, com o crescimento e união desta comunidade, a cada dia vai se tornar mais difícil ao menos não pensar sobre o assunto.

Referenciais Teóricos

CAETANO, Sordi. O animal como próximo: Por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais. *Cadernos IHU ideias* [online]. 2011. São Leopoldo: RS, n. 147, p. 1-28.

INGOLD, Tim. Humanidade e Animalidade. *Rev. Brasileira de Ciências Sociais* [online]. 1995, v.10, n.28, p. 1-15.

GOHN, Maria da Glória. 500 Anos de Lutas Sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e Terceiro Setor. *Rev. Mediações Londrina* [online]. 2000, v. 5, n. 1, p. 11-40.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A lição de sabedoria das vacas loucas. *Rev. Estudos Avançados da USP* [online]. 2009, v. 23, p. 211-216.

NUNES, Ernesto L. M. Vegetarianismo além da dieta: ativismo vegano em São Paulo [dissertação]; orientador Silvia Helena Simões Borelli. São Paulo, SP, 2010, p. 129.

SEGATA, Jean. *NÓS E OS OUTROS HUMANOS, OS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO* [tese]; orientador Theophilos Rifiotis. Florianópolis, SC, 2012, p. 200.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana* [online]. 2005, v. 11, n.2, p. 577-591.

SINGER, Peter. *Libertação Animal*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2010. 496 p.

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 454 p.